

A resposta: uma aproximação exegética do início de Zacarias

Fabio Py Murta de Almeida

Mestrando em Ciências da Religião – Umesp

pymurta@gmail.com

Resumo: Ler de mais perto o fragmento de Zacarias 1,1-6, deve trazer elementos interessantes para a meditação bíblica. Isso, por que, tal texto se apresenta aos leitores na forma de um mosaico, pertencendo a dois momentos distintos. O primeiro usufruto de levitas estáticos, e, no segundo momento, fruto dos sacerdotes do Segundo Templo. Dessa forma, visa-se perceber como as palavras dos antigos judeus iam sendo levantadas nos inquéritos do Segundo Templo em Judá, na época grega. E, como ocorriam as discussões legais no interior do Templo de Jerusalém, sobre as diversas religiosidades que impregnavam Judá e que tanto preocupavam os sacerdotes judeus.

Palavras-chave: leituras; Zacarias; sacerdotes e povo da terra.

Abstrat: A closer reading on the excerpt of Zecariah 1,1-6 may bring us interesting elements for a further biblical meditation because of its mosaical structure, the first, this way, we intend to perceive how the words of the ancient jews had been raised in the inquires of the Second Temple of Judah during the greek period, and how did occur the legal quarrels in the interior of the Temple of Jerusalem, under the diversity of religious raised in Judah and that terrified the jewish priests.

Keywords: readings; Zecariah; priests and people of the land.

Nos últimos anos a profecia zacariana tem sido mais analisada pela apocalíptica do que por uma memória profética. Poucos trabalhos destoam disso. A afirmação se justifica, sobretudo quando se dá conta que uma soma considerável de estudos do livro aborde somente o bloco das visões de Zacarias, encontradas nos contornos de Zacarias 1,7-6¹. Propriamente, se entrou nas penumbras (esquecimento) da história, as séries do primeiro capítulo, nos primeiros seis versículos, como também o sétimo e oitavo capítulo desse livro (Almeida, 2007).

Gostar-se-ia de destoar um pouco desse “cisma” que gira em torno da literatura de Zacarias, focando-se no bojo da teologia bíblica latino-americana aos olhos do método histórico-crítico a peça, Zacarias 1,1-6. Não, que por essa humilde contribuição, se venha voltar o epicentro da pesquisa atual ao re-encontro da órbita zacariana, mas apenas, se admite que mesmo superficialmente a conjugação das experiências culturais e religiosas dadas pelo caráter estático das primeiras palavras de Zacarias seja relevante. De fato, a discussão desse tipo de religiosidade é importante principalmente no âmbito da vivência religiosa da América Latina.

No entanto, nesse espaço não terá muitas apreensões. Mas sim, o norte a ser destacado como razão desse ensaio é a vontade de pensar a forma como os judeus palestinos adeptos das mais variadas religiosidades teriam respondido aos inquéritos profético-sacerdotais no interior do Templo de Jerusalém (Albertz, 1994). Questiona-se como eles teriam argumentado na tensão de um processo público.

Assim, levantar a peça de Zacarias 1,1-6 deve ser importante porque em nenhum outro texto do corpo de Zacarias, de Ageu e de Malaquias se pode radicar uma discussão pública dos problemas religiosos e sociais que tiveram início na época persa e que foram se aprofundado com a fixação do helenismo na terra palestina. Esse contorno conflituoso pode ser averiguado principalmente na constituição da redação do texto, isto é, junto as narrativas (prosas) de Zacarias 1,1-6.²

Para que se possa cumprir essa proposta do trabalho extensa, primeiro, se fará uma tradução bíblica literal de Zacarias 1,1-6. Para, posteriormente, se articular o comportamento do texto como pacote do devir histórico. Passa-se então a tradução da perícopes.

Zacarias 1,1-6

A preocupação foi um traço marcante na hora da tradução de Zacarias 1,1-6. Esse é um dado taxativo como se pode averiguar porque já no meio da tradução se destacou as partes que seriam em prosa (os v.1-2, 4, 6c) e as partes em poesia dadas nos v.3, v.5-6b. Percepção que deve ser detalhada no próximo ponto, que trata da forma do texto, logo após, ao fim da tradução do texto.

¹ Exemplos do que se diz, são os recentes trabalhos de Vicent, 2006, pp.22-41 e Boda, 2005, pp. 22-41.

² Um ensaio no Brasil sobre o adereço da redação bíblica, e especialmente sobre a redação encontrada nas prosas proféticas bíblicas posteriores o comentário de Gorgulho, 1985, pp. 9-13.

1. No oitavo mês, no segundo ano para Dario, aconteceu à palavra de Yavé a Zacarias (filho de Berehyah), filho de Ildo.
 (2). O profeta dizendo: (Está) irado Javé, sobre vossos pais (está) irado, 3. E disse a eles:

Assim disse Javé dos Exércitos:
Voltai para mim, *oráculo de Javé*
[dos Exércitos,]
 e voltarei para vós,
 disse Javé dos Exércitos.

4. Não torne-se como vossos pais que chamaram aos profetas primeiro. Assim disse o Javé dos Exércitos: voltai, por favor, de caminhos vossos, os conhecimentos e obra vossa. Os conhecimentos não ouviram e não prestaram atenção a mim, oráculo de Javé.

5. Vossos pais onde eles estão?
 E os profetas para sempre vivem?

6. Minhas palavras e meus preceitos
 que havia ordenado aos meus servos,
[os profetas,]
 não atingiram os vossos pais?

6c. Voltaram e disseram: conforme planejou Javé dos Exércitos, para fazer nós como o caminho nosso e como obra nossa corretamente (ele) fez a nós.

O jeito de escrever

Como se deu a entender na introdução, a parte Zacarias 1, 1-6, seria uma espécie de “composição bíblica”, pois nem a poesia o domina, nem a prosa o intensifica (Schwantes, 1986, p.40-41). Alias o fato de esses dois gêneros disputarem espaço, mostra que o texto teria tido uma longa história de formação.

Mesmo com a longa formação pode-se perceber que fora oralizado como um instrumento comunitário, uma perícopes (Weber, 1963, p. 281-282). Hipótese que se constata quando se compreende a forma dos livros de Ageu e do Proto-Zacarias como um contínuo. Fato percebido quando Milton Schwantes (1986, p.41) em seu comentário de Ageu, afirma que o todo de Ageu tem três partes, em três perícopes, todas elas introduzidas pela “formula do acontecimento da palavra profética” (cf. Ageu 1,1.15b; 2,10 – Westermnann, 1967). As perícopes iniciam com tal fórmula, e terminam quando o autor a repete num tempo diferente. O Proto-Zacarias aparenta ser o mesmo cronograma que o texto profético de Ageu, já que como o autor de Ageu, nele se dividiu o texto em três partes, se considerando sua divisão pela “fórmula do acontecimento da palavra profética” (cf. Zacarias 1,1.7; 7,1). Então, a costura como perícopes nesses livros subsequentes no livro dos Doze Profetas são sim, “o acontecimento da palavra de Javé”, radicando ambos em três partes (Amsler, 1998, p. 24-26).

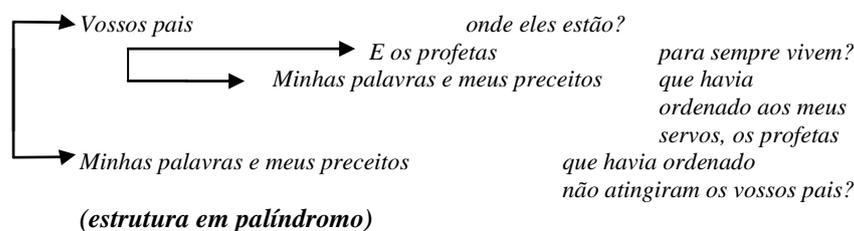
Em Zacarias 1,1-6, não se pode negar que internamente as “fórmulas dos ditos do mensageiro” – a típica: “assim disse Javé dos Exércitos” - se mistura a “fórmula do dito de Deus” – “oráculo de Javé dos Exércitos”, especialmente, no v.3. Mais que simples costurar profético, tais repetições, indicam a falta de atenção do povo do pós-exílio em ouvir aquilo que o pessoal de Zacarias tinha a lhes dizer, pois lá se tinha falta de atenção

pelo amarfanhado de religiosidades que lá havia. Vai ver, talvez seja por essa dificuldade que o texto se identifique na órbita de Claus Westermann (1967, p.113-119) como um gênero profético de “controvérsia”, de “demanda profética” (rīb), mensagem onde sua tônica seja a conclamação ao povo a “voltar” (svb) a lei e os preceitos de Javé dos Exércitos. E, como se disse no início do primeiro tópico, Zacarias 1,1-6 pode ser dividido em prosa e em poesia. Por um lado, os v.3 e 6-6b estão em poesia, com palavras repletas de repetições de idéias. Já, nos v.1-3, 4 e 6bs, seguem um modo quase que cursivo de escrita sem muitos verbos, caso típico da prosa profética (Schwantes, 2005, p.1385-1389).

Reconhecendo um pouco mais esses versículos, o primeiro versículo da série indica através do acontecimento da palavra de Javé a Zacarias, o ano e o mês do ministério do autor poeta.

No v.2 se narra que Javé fala a Zacarias sobre sua ira com a familiaridade (“pais”, hebraico: abotekem) do povo. Já, no v.3, o profeta rima, poetiza, abrindo os versos numa “fórmula do dito do mensageiro”, “assim disse Javé dos Exércitos”, palavras que soam tão fundantes para a perícopa que sua poesia é fechada com a mesma fórmula: “disse Javé dos Exércitos”.³ Nesses versos Zacarias mostra sua dificuldade com as palavras, modificando poucas palavras nos versos em que se suplica a volta (qsp) do povo a Javé.

Da mesma forma no v.4 volta-se a prosa. Uma ironia, pois o versículo caberia muito bem como uma poesia (prosa elevada?) circundada por fórmulas proféticas. Quem punha o v.4 são os seguidores do autor, que conclamam o povo a sair das práticas ruins, e prestarem atenção no que dizia Javé por Zacarias. No v.5 ao 6b se volta à poesia, conseqüentemente as palavras de Zacarias, elas, em que agora parecem desenvolver aquilo que fora indicado na poesia do v.3. Seus versos continuam mal desenvolvidos e pessimamente articulados, como se pode ver no esquema abaixo:



Assim, como se expôs acima, no primeiro verso se questiona “Vossos pais onde eles estão?” (v.5), verso que deve ligar-se com o último da estrofe “Minhas palavras e meus preceitos não atingiram os vossos pais?” - tanto que inicialmente se pergunta pelos pais, e depois se indaga se as palavras e preceitos teriam chegado a eles. Da mesma forma, o segundo verso da estrofe “E os profetas para sempre vivem?” (no v.4) fecha-se com o terceiro verso “Minhas palavras e meus preceitos que havia ordenado aos meus servos, os profetas” (v.5), ambos giram em torno dos profetas, sendo primeiro questiona-se a vida deles, e posteriormente se relaciona os profetas, suas palavras, e os preceitos de Javé. Parece que Zacarias tinha problemas no relacionar as leis e os preceitos com a tradição dos pais e dos profetas, além de implementar um modo palíndromo mal acabado.

³ Otto Procksch, coordenador da Bíblia Hebraica Kittel (BHK), supõe que originalmente o termo disse Yahweh dos Exércitos era assim disse Yahweh dos Exércitos termo que deve ter sido suprimido, ou mesmo esquecido por algum escriba, ou mesmo por algum copista na antiguidade.

Terminando o apreço na forma de Zacarias, se chega a oração (outra narrativa, ou prosa profética) que caberia muito bem as formalizações das palavras proféticas, repletas de repetições de idéias. Assim, certos discípulos das palavras de Zacarias (grupo autoral que mais parecia ter tido espasmos de êxtase do que profetizado) finalizam a perícopo com o seguinte conglomerado de orações: “Voltaram e disseram: conforme planejou Javé dos Exércitos, para fazer nós como o caminho nosso e como obra nossa corretamente fez a nós” (v.6b-c). Essas pessoas diferentes das outras que escrevem a prosa questionam justamente os caminhos e obras que devem estar sendo defendidas no começo, sobre o traçado de Javé sobre eles.

Então, nessa revisão sobre a poesia de Zacarias e sobre a narrativa de seus discípulos, destacaram-se dois pontos. Primeiro diz respeito a Zacarias. Ele não deveria saber escrever poesias. Mas, pior que isso, ele deveria saber muito menos sobre as leis e os preceitos, e menos ainda sobre a tradição dos pais e dos profetas. Tanto é que não se perturba em indagar tais tradições e as eventuais relações entre elas. Zacarias é um reflexo do seu tempo, ambos perdidos e perplexos pela confusão do pós-exílio.

E, o segundo dado se reconhece na prosa. Um grupo que teria utilizado as palavras confusas de Zacarias, e diferentemente do autor, sabiam tudo sobre a escrita, por que viviam de escrever processos (inquéritos) dos templos. Sabiam inclusive os anos que o profeta teria agido (v.1), que Javé deveria estar contrariado com os pais deles (v.2), e que nos tempos dos profetas havia práticas ruins e que mesmo assim, o povo não prestava atenção neles (v.4 e v.6c).⁴ Esses discípulos sabiam tudo de Zacarias, e, para tanto, coloriram suas palavras com seu jeito e ao seu tempo. Simplesmente, combateram a profecia e a instituição dos pais, no pós-exílio. Quem seriam eles? No que estavam envolvidos? E, mesmo em relação ao profeta Zacarias, questiona-se: a que grupo pertencera? Quem ele era?

Sobre essas e mais outras perguntas se dará atenção no próximo tópico, neste se indicará os nichos sociais das duas camadas de textos de Zacarias 1, 1-6. Passa-se aos grupos de escrita.

Quando se escreveu

Diferentemente do que grande parte da pesquisa se preocupa em afirmar (Beuken, 1967), Zacarias não deve ser encarado como um profeta clássico, como mesmo se palpita em algumas partes dos seis versículos. Zacarias e os seus, deveriam ser um grupo formado por ascetas, conformados no êxtase, pessoas dependentes do templo – provavelmente eram levitas, como indica a própria familiaridade de Zacarias como filho de Ildo (Esdras 5,1; 6, 14 e Neemias 12, 16 – Gorgulho, 1985, p. 16-17).

Gente, que no exílio, com a destruição do Templo de Jerusalém por Nabucodonosor, ficaram juntos às ruínas, chorando, jejuando e prateando a desgraça que ocorrera em Jerusalém (Zacarias 7,3-5). Sacerdotes legítimos nos quais viviam exclusivamente de cuidar do Templo, e com sua destruição perderam o chão, passando a viver a margem da sociedade palestina, como ascetas, que sofriam de espasmos nas ruínas do antigo Templo, por isso deixaram de ser sacerdotes (Beuken, 1967, p.234). Assim, seu modo religioso articulava poucas

⁴ Para o reconhecimento das palavras de Zacarias durante todo o processo do capítulo 1 do livro, vide, Amsler, 1998, p. 24-26.

palavras, que, quando eram proferidas carregavam quase sempre juízo e discórdia ao povo da terra e aos profetas - grupos responsabilizados por eles pela destruição do templo. Com a chegada dos judeus exilados (isto é, a golah), o grupo de Zacarias apóia o projeto persa de reconstrução do Templo, conclamando aos judeus remanescentes que se convertessem ao projeto de Javé de re-inaugurar do Templo de Jerusalém.

As pobres palavras de Zacarias ganharam valor na estabilização do Templo junto aos sacerdotes após a dominação persa na Judéia. Esses sacerdotes punharam tais palavras para de forma mais direta combater os grupos proféticos e as tradições dos pais. É o mesmo grupo de sacerdotes que re-editaram os textos Juizes até 2Reis dando o papel central ao Templo de Jerusalém, foram responsáveis pelos textos de 1-2Crônicas e por parte dos livros de Esdras e Neemias – tomaram o apelido de “cronistas” (Beuken, 1967, p.230-241). Por serem historiadores, usavam muito bem as prosas (narrativas), e com elas aumentam a perícopes de Zacarias 1,1-6 Socialmente tinham dificuldade com os movimentos proféticos e com as religiões das tribos (Albertz, 1994, p.479), religiosidades que não permitiam a fluir a centralidade cúlrica do Templo de Jerusalém. Principal motivo pelo qual essa perícopes tem traços de inquérito, de um tribunal (Westermann, 1967, p.115-117). Agora, se o levita Zacarias falou por volta do 6º século, eles re-editaram o texto de Zacarias aproximadamente 300 anos depois, isto é, em 300a.C. Para eles o povo tinha de se converter, senão a ira de Javé seria contra eles, como antes, no tempo dos profetas, no pré-exílio.

Por fim, para que todos possam perceber esses dois nichos de escrita, se comentará abaixo frase por frase no seu momento da vida do povo de Deus. Então, pela questão cronológica, primeiro se refletira as palavras de Zacarias, para que depois se cuide do que disse de seus seguidores, a escola sacerdotal do Segundo Templo.

A vida

Os textos do livro de Zacarias trazem muitas confusões, como mesmo atestou recentemente o estudioso H. S. Pyper (2005, p.485-504). Até por que, o próprio grupo de Zacarias não se reconhecia como profético, cuja religiosidade se ligava á palavra (dvr), e, nem mesmo como sacerdotes do Templo em construção, relacionados aos sadoquitas liderados pelo sumo-sacerdote Josué. Sua religiosidade não trilha nem de um lado nem de outro, no entanto favoravelmente o tempo de seu ministério deve ter rolado por volta do pós-exílio, época da dominação persa na Judéia. Nesse contexto começara a chegar à palavra Javé a seu grupo (como atesta o v.1).

Palavras que chegaram na melhor hora, exatamente no retorno dos judeus exilados na palestina. Elas vieram na forma de poesia entendidas no TM nos versos e nas orações dos v.3, 5 e 6 do primeiro capítulo do livro de Zacarias. No que tange a sociologia desses versos, se é que se pode dizer que formariam uma estrofe firme, ou mesmo um poema coeso, a dúvida decorre porque essas palavras foram promulgadas por gente que há tempos sua maior expressão religiosa era por meio dos êxtases. Para que se tenha noção, Zacarias e sua gente viviam deslocados socialmente escondidos nos muros e no meio dos escombros do Templo de Jerusalém. Eram

marginais, vivam a parte de todos, se fizeram assim durante todo exílio, pois o centro do seu mundo estava em ruína (destruído) há anos.⁵

Com a volta dos exilados, ficaram empolgados com a reconstrução do seu Templo, começando a pregar mesmo no levante da construção do Templo, e em seus arredores. Assim, no meio de todas suas dificuldades (limitações gramaticais de seu grupo) fazem poucos versos, nos quais sua principal característica é a união de palavras sinônimas. Como mesmo retrata os dois primeiros versos que giram em torno da mesma raiz verbal – no caso o tronco verbal *swb* (significa “voltar” e “retornar”), no v.3.

Versos que se formalizam nas palavras *subu ‘elay / seba’ot we’asub*, que quer dizer “voltai para mim e voltarei para vós”. Versos tímidos e inderteminados dados por Javé ao grupo de Zacarias. Poucas palavras que mostram a insatisfação da ordem de Zacarias com o caminho do povo judeu da palestina, tanto que se voltam ao retorno deles a Javé (Meyes e Meyes, 1987).

A fim de suplantar sua dificuldade particular em fazer poesias, o grupo de Zacarias usa um recurso retórico fruto direto da pregação. Enchem seus versos pobres com “fórmulas proféticas”. Tanto é que, mesmo antes de começar a dizer o primeiro verso para o povo retornar a Javé, eles introduzem a fala dizendo *koh ‘amar yhwh seba’ot* - que é a famosa fórmula: “assim disse Javé dos Exércitos”. Com isso, o grupo de Zacarias devia querer dar solenidade, impondo respeito aos que iriam dizer, tanto é, que quando termina o segundo verso eles retornam praticamente com a mesma fórmula profética *‘amar yhwh seba’ot* (“disse Javé dos Exércitos”)⁶. Fator que rechaça o valor dando status de celebração ao que Zacarias e os seus diziam nos arredores do Templo de Jerusalém, concentrando um papel central a tais versos iniciais na pregação de Zacarias.

Culminando, quando, na petição dos versos se incrementa com mais uma “fórmula do dito de Deus” *ne’um yhwh seba’ot*, traduzido por: “oráculo de Javé dos Exércitos”. Dito profético no qual oralmente lembra os oráculos típicos do êxtase dos videntes do Oriente Antigo. Explica-se que diante do cisma reverenciado nos versos encontrados no v.3 quem deve dar o primeiro passo é o povo de Judá, se prontificando a retornar a Javé para que pela atitude do povo Javé dos Exércitos retorne para junto deles. Essa é a mensagem dos primeiros versos de Zacarias. Mensagem essa, desenvolvida nos versos dos v.5 e 6.

Se no v.3 pouco foi desenvolvido, no sentido do reconhecimento dos grupos culpados pelo distanciar de Yahweh e o seu povo, no v.5 o apontamento é mais incisivo. Agora, nos dois próximos versos, o grupo de Zacarias reconhece quem eram a fonte dos problemas com seu Deus. Eles questionam justamente certos grupos característicos de toda formação do povo Judeu. O fazem por meio de duas perguntas que denotam a insatisfação com o norte tomado por dois grupos chaves nos tempos do pós-exílio. O tom dessas indagações é de indignação e de reprovação por parte do grupo de Zacarias.

Dessa forma, eles abrem a estrofe (do v.5 e 6), com as palavras *‘abotekem ‘ayehem* (traduzido por: “vossos pais onde eles estão?”). Parece que a insatisfação da comunidade primeiramente recaia sobre a tradição dos

⁵ Esse grupo de Zacarias teria ficado junto ao de Lamentações nos escombros do Templo de Jerusalém cf. para isso Schwantes, 1987, p. 56-71.

⁶ Claramente há a perda da partícula *koh* (português: “assim”). A posição dos críticos dos aparatos das bíblias Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) e da Bíblia Hebraica Kittel (BHK) afirmam que nesse caso restrito teria ocorrido um erro dos copistas do texto hebraico, advindo do Texto Massorético.

pais do povo Judeu, sobre eles se pergunta “onde eles estão”. Indignação que pode ter dois sentidos entendidos entrelaçados. Primeiro que diante das construções e reabertura do Templo, aqueles levitas dominados pelos êxtases perguntaram-se se os povos da terra estariam

ali por perto ajudando a reconstrução do Templo. E, segundo, por que tais pais não estariam se mobilizando diretamente nos caminhos trilhados para elevação do Templo de Jerusalém. Estrutura tão impar na ótica zacariana para aqueles tempos na sociedade judaica do pós-exílio.

Então, quem seriam esses tais pais? Devia ser o grupo que era influenciado pelas tradições nortistas compilando a memória do santuário de Betel, junto a Abrão (Gênesis 12).

Um pessoal que teria utilizado a tradição de Jacó, e que desde o exílio vem sendo influenciado pelos povos cananitas, otmeus, gileaditas e etc. É o povo que vivia na terra de Judá no pós-exílio, que desde o exílio sofreram a re-tribalização. Tribos que pela falta de lideranças se identificavam com a memória dos patriarcas. Instituição tribal que impregnava a sociedade judaica e palestinese do pós-exílio, que tinha como marca a pluralidade de religiosidades desgarradas agora de qualquer vínculo templário e de santuários.

Para eles, membros de tais instituições de pós-exílio Zacarias pergunta: “Vossos pais onde eles estão?” (Albertz, 1994, p.238) Como que dizendo, que tais instituições não se preocuparam com o projeto do Templo. E, no segundo verso segue-se o mesmo sentido de contestação dado pelo grupo de Zacarias. Agora, eles indagam o seguinte wehanabi'im hale'olam yihyu, que significa: “E os profetas para sempre vivem?” Ora se em relação à instituição dos pais de Judá, Zacarias pergunta onde eles se encontravam, agora, em relação à tradição os profetas se questiona se para sempre eles viveriam. Esses levitas marginalizados deviam ter um motivo especial para fazer tal questionamento. Segundo constasse a tradição profética, comum no pré-exílio, teria levado a destruição do povo com Nabucodonozor, e conseqüentemente, a destruição do Templo.

Mas não só isso. Aliás, tal pergunta deve ter tido um motivo mais profundo. Quando o grupo levítico de Zacarias pergunta sobre a vida e a duração dos profetas estaria se referindo ao desaparecimento das intuições proféticas que começaram a declinar na dominação persa na Judéia. Nesse exato momento, eles começam a perder espaço sendo agora admitidos no culto dentro do Templo de Jerusalém, por isso Zacarias pergunta: “E os profetas para sempre vivem?” (Albertz, 1994, p.234-239). Como que dizendo que o tempo deles agora estaria se exaurindo.

Depois das perguntas do v.5, os versos do v.6 desenvolvem uma pouco mais os questionamentos dos versos anteriores. Mesmo que no meio de uma poesia mal acabada. Ela que beira a prosa. Tanto é que mal se pode ver que os versos desse versículo (v.6) em conjunto com os versos do v.5, formam um modo palíndromo (Alonso-Schokel, 1991, p.42-47).

Nisso há de se explicar, tanto, por que, o terceiro verso da seqüência fecha como dobradiça com o verso anterior (do v.5), esse último onde se questionara exatamente a tradição dos profetas. Um verso que na forma hebraica do TM se fala 'ak debaray wehuqay 'aser siwiti 'et-'abaday hanebi'im traduzido por “Minhas palavras e meus preceitos que havia ordenado aos meus servos, os profetas”. E, da mesma forma, o quarto verso 'ak debaray wehuqay halo' hisgu 'abotem que pode ser traduzido por “Minhas palavras e meus

preceitos não atingiram os vossos pais?” Combina com o primeiro verso do v.5, que indaga onde estariam os pais.

Palavras que em seqüência mostram que mesmo não sabendo fazer poesia os levitas marginalizados (a comunidade de Zacarias) não eram por tudo iletrados. Por fim, nesses dois últimos versos se questiona as duas tradições combatidas por Zacarias e seu grupo levítico tendo em vista fundamentalmente as palavras e os preceitos dados por Javé para seu povo. Tal questionamento se justifica socialmente pela característica do culto do pós-exílio em Judá, isso porque as leis e os preceitos foram dados em ato solene no culto de Jerusalém. Enfim, os sectários levitas questionam se essas duas deliberações não teriam atingido as tradições dos pais. Se antes (no v.5) a questão era onde estariam tais povos da terra, agora, se pergunta se as leis e os preceitos não atingiram, eles, pois eles não teriam participado nem da reconstrução, nem tão pouco participam agora dos cultos encenados nesse local cultural.

Se outrora esses levitas se encontravam como sujeitos marginais, através da reconstrução do templo de Jerusalém ganham novo fôlego na sociedade de Judá. Assim, sua principal mensagem nos tempos persas era para participação das outras camadas da sociedade se mobilizarem tanto para a reconstrução do Templo, como também, para a participação no culto de Jerusalém.⁷

Nessa via, então, faz sentido re-ler os primeiros versos de Zacarias que estão destacados no v.3 da poesia. Javé fala ao grupo de Zacarias que só iria retornar junto a eles, quando eles se prontificarem a voltar para Ele. E, tal volta para esses levitas, significava que teriam de ajudar na reconstrução do Templo, ou então, participar das esferas do culto que agora detinha a leitura das palavras e dos preceitos de Javé, que assim o Deus voltaria para eles.

No inquérito, a resposta do povo da terra

Sai-se do contexto do pós-exílio persa, e se vai para o ambiente do culto da época grega. Se vão mais de 200 anos de diferença, entre as palavras dos levitas marginalizados e os sacerdotes do Segundo Templo. Os sacerdotes começaram a acrescentar mais e mais palavras à boca do marginal Zacarias, isso, por que, como se viu atrás as palavras de Zacarias pouco tinham de especificidade, sofriam com uma escrita bem indeterminada. As palavras de Zacarias saem de sacerdotes segregados para gente ligada ao Templo, agentes do modo da situação. Texto muda de eixo de marginais para dominação.⁸

Parece que a comoção do texto de Zacarias fora levantado porque de forma (bem) superficial os extáticos combatiam as lideranças do povo da Judéia entre elas os profetas encardidos pelo povo, daí o interesse dos sacerdotes do Segundo Templo (Beuken, 1967) perjurar sobre as falas de Zacarias no combate, mas

⁷ De certa forma tais grupos de ex-sacerdotes devem ter servido para a organização da sociedade de Judá, nos tempos persas. Teriam agido assim direta ou indiretamente anacronicamente, como espécies de intelectuais na organização de uma cultura, cf. para isso Gramsci, 1982. p.25-66.

⁸ Pode-se dizer que houve uma troca simbólica no eixo dos signos textuais de Zacarias. De levitas marginalizados extáticos passou-se para profeta da situação. Zacarias de ter virado um símbolo para os sacerdotes do Segundo Templo, sobre esse tipo de trocas simbólicas e de outras trocas na esfera religiosa, cf. Bordieu, 2005, p.43-61.

intensificado de determinadas religiosidades, como os agentes do tribalismo e os profetas. Palavras acrescentadas a Zacarias não soariam tão fortes, incisivas, pois, sobretudo buscavam contrapor a religiosidade popular que perdurava desde o exílio babilônico até os tempos gregos.

Nas frases iniciais em prosa encontram-se, sobretudo as acusações feitas pelos sacerdotes do Templo de Jerusalém, textos ou falas bem próximas, enquanto linguagem, à historiografia dada no Templo. Foram acréscimos tão bem feitos que não se pode negar o grupo que os fizeram teria se acostumado em re-escrever obras, re-significando-as ao seu tempo (Schmidt, 1994, p.262-265).

Uma gente tão, mais tão letrada, que suas prosas mais pareciam as mais belas poesias feitas, por exemplo, por Isaías. Tamanha a facilidade deles que mesmo num processo fechado de acusações e de defesas, dadas mesmo no Templo de Jerusalém dos tempos gregos, que das falas do inquérito eles fizeram afirmações numa poesia elevada. Para eles as falas se equiparavam as comparações e aos simbolismos.

Entende-se que esse grupo especialíssimo de escribas tinha as melhores condições de datar seus textos, e de reconhecer a que profecia (ou que texto bíblico) caberia tal discussão profético-legal. Até por que, o Templo nas culturas mais antigas era responsável pela contagem do sol, da lua e dos astros, assim, parece que tal processo deve ter trazido referências a eles do momento em que o profeta Zacarias teria vivido, nesse tempo chega a palavra de Javé ao povo que assistia tal contenda no Segundo Templo, bahodes hasemini bisnat stayim ledaryawes: “No oitavo mês (lua nova), no segundo ano para Dario”.

Além de dizer que a palavra acontece, ela ocorre na vida e na sociedade judaica, interessante também é destacar a tradução do mês como da lua nova, ao se referir ao âmbito de uma cultura do Oriente Antigo. Destaca-se dessa forma por que pelas casas, e principalmente, os templos eram locais de observação do céu. Até, por que, nesses locais a quantidade de chuva é muito baixa. Era normal nessas regiões semi-áridas a observação das estrelas como sendo um referencial temporal das comunidades (Cardoso, 1984, p.39-41/53-54). Enfim, se contanto as estrelas poder-se-ia entender a relação do homem com a natureza por certo traçar as festividades e as celebrações no templo (Wolff, 1974, p.3-6).

Agora, considerando a datação usada por esses redatores se diz que era outubro de 520a.C. Período da reconstrução de Judá, provável época em que teria acontecido “a palavra de Javé a Zacarias”. Meio de se levar à fala de Javé tão característica que incita a meticular a palavra de Javé no meio dos acontecimentos da vida do povo. Com essa fórmula (“fórmula do acontecimento da palavra divina”) os tempos ganham vida sob a chancela de Javé, por ele agora se contorcem os fenômenos da cultura local. Javé, pela fórmula profética do acontecimento da palavra, se faz interventor na vida social dos judeus. Torna-se agente por Zacarias, bem como também, os redatores disputam a paridade dando a Zacarias dois pais diferentes (Berger, 1963, p.940-950).

Primeiro na ordem do Texto Massorético/TM era filho (hebraico: beeri) de Berehyah, familiaridade sacerdotal, uma patronagem que teria ajudado a reconstruir o Segundo Templo.

Eram vinculados a Josué – ponto que para esses redatores era fundamental. Na continuação do TM, Zacarias é apresentado como em boa parte do Antigo Testamento (Esdras 5,1 e 6,14), agora como beeri de Ildo, um descendente da tribo de Leví - um levita.⁹

Por certo, além de introduzir o texto a “fórmula do acontecimento da palavra”, ela, no v.2 qualifica-o como nabi’, isto é, como profeta. Categoria na qual deve ser entendido pela ótica dos escritores sacerdote do Segundo Templo. Zacarias para eles era um profeta, porque para eles não havia a função dos levitas do Templo. Todos (sem exceção) desde os levitas até os mais representativos sacerdotes eram tratados por profetas no contexto do culto do Segundo Templo. Na compreensão do homem do tempo dos persas e dos gregos todo e qualquer que servia a funcionalidade do Templo, respondia enquanto sacerdote enquanto função no povo judeu (Berger, 1963, p.940-950).

Continuando, o v.2., segue-se colocando palavras na boca de Zacarias. Então, por ele, entoam a seguinte oração *qasap yhw h ‘al-‘abotekem qasep* “(Está) irado Javé, sobre vossos pais (está) irado”. O verbo agilizador das orações é *qasap* forma *qal* perfeito de *qsp* traduzida normalmente por “(estar) irado”, “irar-se” e “enfurecer-se”. Forma expressiva no Primeiro Testamento. Verbo que emoldura especialmente frente ao texto de 2Crônicas 32,25-26. Como se vê lendo o fragmento de Crônicas se acredita que um grupo ligado a tal fonte escriturística acrescenta palavras a Zacarias, pois mesmo no v.2 a *qsp* (ira) viria “sobre os pais”.

Entre o círculo dos ligados ao Templo, era importante a distinção entre as religiosidades dos pais, e dos profetas. É que, para combater tais tradições era mais fácil separá-las, para que se pudesse desgarrá-las, enfraquecê-las umas das outras, em prol da centralidade cültica templar. A tradição dos pais era aquela encardida pelo “re-tribalismo” ocorrido em Judá (na palestina) durante do exílio e do pós-exílio, fruto da influência asterea sobre a palestina dos povos vizinhos (como os edomitas, moabitas, gileaditas,...). No tribalismo nenhum desses povos é liderança na palestina, eles apenas influenciam a cultura local, e principalmente, os elementos da religiosidade judaica. Da mesma forma, a religiosidade profética fluía no prestígio dos antigos profetas, e, por tal prestígio ainda existiam no meio do povo (Albertz, 1994, p.483-487). Não se tem como negar, que ambas as religiosidades incomodavam aos sacerdotes do Segundo Templo, porque elas faziam partes de uma contra-força na província de Yehud. Sabiamente, então, esses artífices que levavam o inquérito público afirmam que o deus Javé tinha “ira” das instituições dos pais. Javé, para eles não estava satisfeito com o modo culturalreligioso do povo que vivia na terra. Uma mensagem tão forte que esses sábios escritores começaram (mesmo na prosa) e logo após terminam sua afirmação com uma fórmula de chegada da palavra (*davar*), ao melhor estilo profético. Tudo para chamar a atenção dos que ouviam o que se passava no inquérito, no interior do Templo.

⁹ Os próprios O. Procksch e Karl Elliger através do trabalho crítico das Bíblias Hebraicas admitem que a familiaridade de Zacarias com Berehyah se deve por relacionar Zacarias com os sadoquitas líderes do Segundo Templo, pessoal do sumo-sacerdote Josué. Deve ter sido uma artimanha desses artífices historiadores e redatores do texto, coube como uma espécie de justificativa, ligando de alguma forma eles sacerdotes do pós-exílio com um Zacarias profeta. Uma tentativa de pouca incursão já que em texto do Primeiro Testamento Zacarias foi lembrado como filho de Ildo, cf. Esdras 5,1 e 6,14.

Agora, do v.2 salta-se para o v.4, seguindo o inquérito. Da mesma forma, as acusações seguem aos povos que viviam na forma tribal em Yehud. E, cada vez mais os acusadores do Templo de Jerusalém aprofundam as discussões frente à opção da esfera cultiva do povo de Judá. Cada vez aqueles ligados ao culto central de Jerusalém são mais diretos nas queixas, trazendo o problema a todos. Agora, eles vão ao ponto, são mais diretos.

A primeira oração no v.4 questiona a tradição dos “pais”, ao mesmo tempo acusa o povo de ir aos “profetas”, como fora traduzido de ‘al tihyu ka’abotekem ‘aser qaru alehem hannebi’im harisonim, que pode ser entendido como “Não torne-se como vossos pais que chamavam aos profetas primeiro”. Em corpo de Zacarias, essa questão da religiosidade junto aos profetas estava sendo combatida como apresenta a redação zacariana em Zacarias 7,7, e, em, particular no capítulo 13,2-6 (Pixley, 1985, p.91-101). Em especial, o grupo dos inquisidores questionava a ida do povo primeiro para os ritos proféticos, eles queriam anular apreensão social primeira do povo junto aos profetas da palestina (Boda, 2006, p.238-257).

Lembra-se que a profecia dividiria geograficamente com o culto, em Yehud. Pois, principalmente a ação profética se faz na marginalidade social, à parte da sociedade. Além de ser um agente de segregação do cultural e cültica, desagregava o povo para as regiões mais afastadas do centro. Por ela o povo migrava para fora dos centros (Berger, 1963, p.940-950).

Segundo o texto eles não deveriam lidar com a profecia desagregadora por que ela os faz tornarem-se “como vossos pais”. Isto é, as antigas tradições tribais, elas buscam primeiro a fonte profética, como a Obra Historiográfica Deuteronômica (do exílio) deixa claro, com os profetas (Leite, 2005, p.56-62). A profecia tem local e destaque ante ao povo Judeu, ela mesmo com o exílio se significou de Judá, para isso, conferir as palavras do profeta Ezequiel. Daí, então, aqueles vinculados ao tema do culto para chamar a atenção no meio do povo usam de novo koh ‘amar yhwh seba’ot, “assim disse o Javé dos Exércitos” (“a formula do dito do mensageiro”).

Motivo não os faltava para entoar o inquérito no tom profético zacariano. Fizeram para dizer ao povo de Yehud “voltai, por favor, de caminhos vossos, os conhecimentos e obra vossa”. Para o azar deles partes da sociedade de Judá não participava do culto, e para esses rebeldes os inquisidores com suas palavras restantes quase indicam um programa cultural (Berger, 1963, p.940-950).

Primeiro dizem que do “caminho” dos povos de Judá. Utilizam mesma palavra que Ezequiel 36,32, quando Ezequiel fala das escolhas ruins do povo “Deveis sentir o peso do mau caminho, ó casa de Israel”. Outra palavra chave no processo público, depois de “caminho” é o “conhecimento” (hebraico: r`). Palavra mais profunda do que a anterior (“caminho”) ela carrega um conjunto de “caminhos”, opções feitas no âmbito das tradições familiares imbuídas nas religiosidades plurais e diversificadas. O “conhecimento” se afirma no conjunto de opções, de “caminhos”. O grupo do Templo vai ao ponto, aprofundam a questão retoricamente contra os povos de Yehud.

E, a última palavra da frase eles seguem que após a escolha dos “caminhos”, controle “conhecimentos”, eles então fazem “obras”. No processo público dizem que todo esse sistema tem que se “voltar” (“voltai”) para

Javé. Não simplesmente pelos “caminhos”, pelos “conhecimentos”, nem com toda “obra”, mas o retornar para Javé tem que ser completo, em tudo. Com os três elementos integrados.

Na ótica dos inquisidores centralizadores a palavra de Javé, era o momento para que todo o povo dos clãs tribais voltasse atrás em tudo o que fazem. Desde as opções, até as obras. Querem reviravolta. O Templo deve retornar sua centralidade. Assim seguem na frase dizendo “Os conhecimentos não ouviram e não prestaram atenção a mim”. É que o povo de Yehud, não escuta os “conhecimentos”, “não presta atenção em mim”. Eles não se interessam pelos conhecimentos do Templo preferem a religiosidade popular e as indicações dos periféricos profetas. Por isso esse inquérito deve ter sido integrado as pregações de Zacarias, porque da mesma forma que o levita Zacarias, o pessoal do Templo sentia que ninguém prestava atenção no que eles falavam em Yehud (Beuken, 1967, p.341-347).

Não só por conta das próprias dificuldades entre os aguerridos do Templo e dos donos da religiosidade popular deveria ser o motivo da construção “não prestaram a atenção em mim”.

Mais em termos mundiais tal construção deveria ser justificável pelo constato mundial, pela dominação grega na Judéia. Os gregos que dominavam o território palestino, no entanto, era cedo demais para que entendessem sobre seu projeto de dominação. A confusão estava no ar. Confusão típica do pós-exílio persa, que deve ter se intensificado pelo processo de dominação grega. O povo não entendia as intenções gregas lá. Então, nesse contexto coube a frase de que não conheciam o caminho (Grabbe, 2004, p.122-135).

Encerrando o processo contra os povos de Yehud, os partidários do Templo, dizem que o povo não prestava atenção no conhecimento e nas obras do Templo de Jerusalém. Reclamam porque a religiosidade dos profetas e das tradições das tribos tomava o lugar deles na esfera cültica. O processo é um mérito da dificuldade dos sacerdotes em prender a atenção do povo mediante as outras religiosidades entranhadas no povo Judeu, por isso buscam terminar a fala no processo conclamando o “dito de Javé” ne’um yhwh (“oráculo de Javé”), chamando a atenção do povo e dando solenidade as suas palavras (Westermann, 1967, p.122-135).

E, finalmente chegamos as afirmações do fim o v.6. Parece que é a mesma disposição histórica, cultural e social dos v. 1-2 e 4, sendo que agora quem tem a voz, são os líderes do povo de Yehud. O tom das palavras permanece por volta do inquérito, só que agora é a vez do povo de Yehud falar pelos seus líderes. Deles pouco se apresenta, pois quem deveria estar escrevendo suas palavras deveria ser o pessoal do Segundo Templo.

Assim parece que deveria ser normal que esse pessoal do Segundo Templo começasse indicando palavras de como o povo se dispunha frente ao inquérito do tribunal que pertencia ao Segundo Templo. A localização do tribunal do Segundo Templo pode ser explicada, sobretudo por conta das políticas desarticuladoras dos cultos periféricos, feitas a partir da dominação persa na palestina. O Templo passou a acumular funções cülticas, legais e do estado imperial. Pelo impasse surge um inquérito onde se debatem os caminhos da sociedade da província de Yehud, sendo que nos cinco primeiros versículos quem tem a voz são os defensores do Templo, e agora, no fim do v.6, os líderes do povo se posicionam (Beuken, 1967, p.333-359).

Na continuação, para indicar que o povo iria dialogar eles retomam o verbo que eles já haviam utilizado no v.4, assim, segundo os sacerdotes o povo se voltou, isto é, se “voltaram” (raiz swb). Eles se voltaram para responder as acusações, mais ou menos, da forma quando os textos de Neemias 9,28 e em 2Crônicas 31.

Após, eles se “voltaram” para responder eles então se pronunciaram, melhor eles “dizem” (hebraico: ‘mr). Não como algumas bíblias em português costumam traduzir a seqüência dos dois verbos, como “converteram e disseram” (Bíblia de Jerusalém e Tradução Ecumênica da Bíblia). Eles apenas em meio a instância do tribunal se voltam a dizer como mesmo Claus Westermann (1967, p.122-135) deixa claro em sua análise da forma proféticas.

A resposta dos líderes de Judá é muito forte, tanto é que ela que termina a perícopa bíblica que inicia o texto de Zacarias. Conforme foi dito, eles voltaram e disseram aos seus acusadores, inicialmente afirmando em Javé a seguinte forma “conforme planejou Javé dos Exércitos” (hebraico: ka’aser zamam ywhw seba’ot). A resposta nas instalações do Templo é a altura. Tanto é que esses líderes se aproveitam da memória de Javé, dizendo basicamente que Javé dos Exércitos os teria planejado (raiz: zmm). Um termo interessante utilizado no fim do livro de Jeremias (Jeremias 51,12) quando fala do comandante Nebuzaradam ele que invadiu Judá (cf. ainda Salmos 37,12). O termo leva a crer que para eles Javé “tramado”, “incitado” e “planejado” (Gesenius, 1969, p.274) “fazer (...) como o caminho nosso e como obra nossa corretamente (ele) fez a nós”.

A resposta no inquérito é no nível das indagações dos serviços sacerdotais. Eles voltam às questões antes indagadas sobre eles e dizem aos seus opositores que Javé os trata segundo “o nosso caminho e (...) segundo nossa obra”. Se virmos de forma correta a resposta deles segue o que dito no v.4, pelos inquisidores. Enquanto, os servos dos sacerdotes dizem que para o povo “voltar” “dos caminhos”, do “conhecimento” e da “obra”, os líderes do povo da terra retomam no ponto dizendo que Javé os trataria segundo os tinha feito.

Melhor dizendo, Javé os trataria segundo as escolhas culturais e cúlticas de cada parte do povo, e ainda, os trataria segundo suas obras feitas na sua terra. Quer dizer que o tratamento de Javé seria dado pela opção de cada grupo da Terra de Yehud. Nada mais e nada a menos.

Entende-se pela resposta que dos líderes do povo da terra que Javé jamais iria os cobrar os conhecimentos e os saberes, pois, a eles, cada grupo usufruía um pelo seu modo de vida. Uma ótima resposta do povo da terra de Judá, afirmando que Javé os trata segundo suas opções e segundo os frutos que dão na terra, mas nunca os tratar segundo o conhecimento admitido na sua vivência. Isso pertence ao ser humano. Não cabe a Javé mensurar, pois o conhecimento vai de acordo com as necessidades da vida dos servos de Javé.

Não são dados universais como o pessoal do Templo queria. Javé os trata, cada grupo, segundo suas opções e suas escolhas. O povo da terra sabia disso, não adiantava a ótica imperial do Templo os processar, pois Javé, os planejou segundo as suas opções e obras.

E o povo da terra pratica

Muitos eixos interpretativos podem ser retirados das primeiras palavras do livro de Zacarias. Não se nega, contudo a opinião dos demais estudiosos quando se referem às dificuldades dos fragmentos do livro de Zacarias. De fato é um livro sinuoso, onde o cuidado deve ser constante.

Não é por menos, que segundo nossa proposição que Zacarias 1,1-6 apresente ao menos dois momentos escriturísticos. O primeiro se vivencia Zacarias e a sua comunidade (do 6º a.C.) a comunidade com poesias

mal feitas e quase sem nexos entre si. Isso pode ser justificável no sentido de que tal comunidade e seus rituais religiosos eram marcados de espasmos e êxtases, como a comunidade do profeta Ezequiel (Schwantes, 1987, p.73-88). Poucas eram suas palavras. No segundo momento, nas proximidades do 3º século a.C., o clima é o de tribunal.

Onde, de um lado os representantes do Templo de Jerusalém, que acusam o povo da terra de se ligar com os profetas e com os clãs, desarticulando a religiosidade popular (nos v.1-2 e 4). Do outro, quem responde a tais colocações são os líderes do povo da terra – e somente no fim do v.6.

Os dois lados são escritos pelo pessoal por artífices ligados ao Templo, em seu tribunal templar. Assim, eles, transcrevem sobre as pobres falas de Zacarias, dando-lhe o título de nabi (profeta, Zacarias 1,1), quando antes ele o era somente levita. Pois sim, colocam palavras na boca de Zacarias. Tanto é que sua pregação que antes era intangível ganhou contornos explícitos junto ao Templo. Se antes Zacarias se esforçava em poetizar para mostrar aos povos palestinos do tempo persa que tanto o tribalismo quanto a profecia não mereciam mais crédito, já nas primeiras prosas (do tempo grego), as falas de Zacarias ganham mais força, mais contundência. Questionam fortemente as duas instituições que tiravam a centralidade do Templo, isto é, a profecia e a tradição dos pais. Compreende-se muito bem que para os dominadores nunca é bom dividir a fatia do pão. Causam-lhes transtornos.

Após as denúncias e as acusações do pessoal do Templo, os líderes do povo de Yehud vão ao ponto. Para eles Javé os criou a fim de que pudessem seguir seus caminhos e fazer suas obras. Contudo, Javé não sancionava o conhecimento e os saberes da prática da vida do povo. Ele não os encaixotava, e não os impedia em nada. Parece que a tradição tribal de Judá percebia que o conhecimento era próprio dos homens em sua inserção comunitária e cultural, não sendo validado por nenhum valor universal, e, nem tão pouco era um direito exclusivo de um grupo apenas. Democraticamente o conhecimento tinha limites de acordo com as disposições e convicções regionais de cada grupo.¹⁰

O povo da terra sabia! E, assim, eles nos dão a dica da vida ecumênica...

Não importa o conhecimento e o que se faz nele. Mas, importa sim que Deus (nesse caso Javé) mostra as nossas opções e cuida dos nossos frutos, mas que ele não confere no nosso jeito, na nossa forma.

Ele, pois, dá a vida, mais não a aprisiona. Ele cria, mais não submete. De verdade, contudo, ele nos direciona a diversidade. Por tudo, mostra caminhos e indica os frutos (práxis) das escolhas, mas quem a faz somos nós.

Referências

ALBERTZ, Rainer. *History of Israelite Religion in the Old Testament Period*, 2 vols. Philadelphia, Westminster Press, 1994.

¹⁰ Aparentemente compreende-se que segundo a opção histórico e antropológica adotada, em tal reconhecimento se aproxima da obra de antropologia cultural Geertz, 2001, p.149-165.

ALONSO-SCHOKEL, José Luis. *Palavra inspirada*. São Paulo, Edições Loyola, 1991, 213p.

ALMEIDA, Fabio Py Murta. Palavras ao Vento... Introdução a Zacarias pelo Histórico da sua pesquisa e as últimas dificuldades interpretativas. *Revista Fragmentos de Cultura*, 2007 (no prelo).

ASMLER, Samuel. Os últimos profetas, Ageu, Zacarias, Malaquias e alguns outros. São Paulo, Paulus, 1998.

BERGER, Peter. Charisma ad Religious Innovatio: the social location of Israelite Prophecy. *American Sociological Review* 28, 1963, pp. 940-950.

BEUKEN, W. A. M. Haggai-Sacharja 1-8. Studien zur Uberlieferungschichte der fruhnachexilischen Prophetie. Assen. 1967.

BIBLIA HEBRAICA KITTEL (ed. Rudolf Kittel). 1937. 2371p.

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 1987. Editio tertia emendata. Deutsche Bibelgesellschaft. 1574p.

BODA, Mark. Terrifying the Horns: Persia and Babylon in Zechariah 1: 7-6:15. *CBS* 67, 2005, p. 22-41.

BORDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Trabalho compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

GESENIUS, Willian. *Dicionário Hebraico Inglês*. 1969.

GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

GORGULHO. Zacarias. *A vinda do messias pobre*. Petrópolis e São Leopoldo, Vozes e Sinodal, 1985.

GRABBE, L. L. *A History of the Jews and Judaism in the Secundo Temple Period*. Volume 1: *Yehud*. LSTS 47. London, New York, T&T Clark, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

MEYERS, C. L. & MEYERS, E. M. *Haggai, Zechariah 1-8*. AncB, 1987.

LEITE, Leyde Maria. A solidão da mulher de fé. *Revista Estudos Bíblicos*, n. 88, 2005.

PFEIFFER, Robert H. *Introduction to the Old Testamt. New York, Harper e Brothers Publishers, 1948.*

PIXLEY, Jorge. *História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 2002.

H. S. PYPER. Reading im the Dark: Zechariah, Daniel and the difficulty of Scripture. *JSOT* 29, 2005.

SCHMIDT, Werner. *Introdução Antigo Testamento*. São Leopoldo, Sinodal, 1994.

SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Petrópolis e São Leopoldo, Vozes e Sinodal, 1986.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no exílio. História e Teologia do povo de Deus no século VIA.C*, São Leopoldo e São Paulo, Sinodal e Paulinas, 1987.

SCHWANTES, Milton. Repetições e Paralelismos – observações em um debate hermenêutico, exemplificado em Provérbios 10,1. *Revista Fragmentos de Cultura*, v. 15, Goiânia, Ucg, 2005.

VICENT, Jean Marcel. L'apport de la recherche historique et ses limites pour la compréhension des visions nocturnes de Zacacharie. *Biblical Web Studies*, 2006.

WEBER, MAX. *Das antike Judentum*. Tubingen, 1963.

WEBER, Max. *Sociologia da Religião*. Lisboa, Edição 70, 1981.

WESTERMANN, Claus. *Basic Forms of Prophetic Speech*. Philadelphia, Westminster, 1967.